

Reflexões teóricas sobre a economia do cuidado e suas intersecções com raça e maternidade solo: sentidos e silenciamentos¹

Maria Fernanda Machado Gomes de Oliveira²

Mariana Ramalho Procópio Xavier³

Universidade Federal de Viçosa, Viçosa, MG

Resumo

Este trabalho se propõe a trazer reflexões teóricas a respeito de como a temática do trabalho do cuidado, o qual é majoritariamente exercido por mulheres, vem sendo discutida ao longo dos anos. As reflexões teóricas aqui presentes pretendem interseccionar a experiência do maternar com raça e a monoparentalidade feminina. Dessa forma, pretendemos compreender como está sendo discutido o tema da economia do cuidado na mídia.

Palavras-chave: maternidade; mulheres; economia do cuidado, mídia.

Introdução

Este trabalho é fruto de uma pesquisa em desenvolvimento de um projeto de Iniciação Científica, financiado pela Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de Minas Gerais - FAPEMIG - chamado *Economia do cuidado: sentidos e silenciamentos sobre trabalho e desigualdade de gênero na mídia*, cujo objetivo é observar se e como o tema da economia do cuidado tem sido retratado pelos sites jornalísticos.⁴ Assim, Fernandes (2022, n.p) chama de economia do cuidado “as atividades econômicas relacionadas a alojamento, alimentação, saúde, educação, assistência social, serviços pessoais e serviços domésticos, que fazem parte das categorias utilizadas nas pesquisas oficiais brasileiras”.

Por isso, esse artigo parte da premissa de que discutir referenciais teóricos a respeito dessa temática tem grande importância nas discussões dos estudos de gênero e dos direitos das mulheres, temas esses que são essenciais para melhor compreensão do que é a economia

¹ Trabalho apresentado ao grupo de trabalho Estudos em Comunicação e suas Interdisciplinaridades, evento integrante da programação do 27º Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sudeste, realizado de 30 de maio a 1º de junho de 2024.

² Estudante de graduação. 7º semestre do curso de Comunicação Social - Jornalismo, UFV. Bolsista de iniciação científica pela Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de Minas Gerais - FAPEMIG.

³ Professora adjunta do Departamento de Comunicação Social/UFV. Doutora em Estudos Linguísticos pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), com estágio doutoral realizado na Université Paris-Est Créteil, na França. Pós-Doutora em Mídia e Estudos de Gênero na Lancaster University, na Inglaterra. É colíder do DIZ - Grupo de Pesquisa em Discursos e Estéticas da Diferença.

⁴ A pesquisa também conta com a participação de Allan de Castro Lopes, bolsista Bic Júnior pela Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de Minas Gerais - FAPEMIG.

do cuidado. Dessa maneira, revisitar reflexões teóricas nos parece pertinente para desenvolver o trabalho em questão.

De acordo com Elisabeth Badinter (1985), ao longo da existência da sociedade, os papéis atribuídos e esperados às mulheres sofreram mudanças. Tais mudanças abarcam, é claro, a forma com qual cada momento histórico espera de um dos papéis principais designados a figura feminina: o de ser mãe. Para o mundo atual só ser mãe não é o suficiente, a sociedade espera que as figuras maternas exerçam a maternidade na maior excelência possível, mas não foi sempre assim. Houve um tempo no qual os cuidados infantis estavam longe de ser um tema relevante para as mulheres. Badinter afirma: “...é a criança, seja qual for a idade, que rejeitam em bloco. Ela é um empecilho para a mãe não apenas na vida conjugal, mas também nos prazeres e na vida mundana. Ocupar-se de uma criança não é nem divertido, nem elegante.” (BADINTER, 1985, p. 67).

Consoante a isso, é possível compreendermos como as noções de como ser uma boa mãe e do que é ser uma boa mãe estão sempre ligadas ao contexto social e as necessidades atuais do mundo. Através da sociedade midiaticizada, infere-se que, o trabalho do cuidado, é pensado e discursivizado através das notícias, as quais sempre contém a participação dos públicos, seja na internet como um todo ou de maneira mais específica através das redes sociais. Sendo assim, analisar tais aspectos por meio das mídias nos revelam indícios de como estamos pensando no tema enquanto sociedade.

No mais, de acordo com dados da Organização Nacional do Trabalho - OIT - citado por Posthuma (2021), a América Latina é o local que demonstra a maior necessidade do trabalho das trabalhadoras domésticas. O Brasil é apontado como um dos países que mais tiveram essa necessidade. Dessa forma, as reflexões teóricas a respeito da economia do cuidado se fazem muito pertinentes no cenário brasileiro, o qual precisa examinar com cuidado quais são as razões para a maior parte do trabalho doméstico recair sempre nas figuras femininas.

Raça e o trabalho do cuidado

Quando se discute a economia do cuidado, é preciso fazer um recorte racial. As mulheres negras são as mais afetadas quando o assunto são as responsabilidades do trabalho doméstico. O Governo Federal, em sua Nota informativa nº1 da Secretaria Nacional de Cuidados e Família falou a respeito das mulheres negras no trabalho do cuidado. A nota traz que, segundo a Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua (Pnad-c), do IBGE,

em 2019, as mulheres brancas dedicavam, em média, 21 horas por semana aos trabalhos de cuidado não remunerados, enquanto as mulheres negras tinham uma dedicação de 22,3 horas semanais. Os homens dedicavam 11 horas por semana.

Junto dos trabalhos do cuidado não remunerados, ainda existem os que são. Segundo a ONU Mulheres, dos trabalhadores que exercem tais profissões 90% são mulheres e 60% são mulheres negras. No mais, menos de 40% delas trabalham de carteira assinada. Dessa forma, a maioria dessas mulheres está sujeita a trabalhos de baixos salários e muitas vezes precarizados. Portanto, para além do recorte de gênero é preciso juntamente pensar no racial e de classe, já que a cor da pele e o estrato social são importantes na hora de analisarmos quem cuida e quem são as mulheres que cuidam.

Consoante a isso, Angela Davis (2016, p.24) argumenta em seu livro *Mulheres, raça, classe* que grande espaço do trabalho do cuidado ser ocupado por mulheres negras hoje em dia se deve a herança da escravidão. Assim, ela afirma: “não raro presume-se que a típica escrava era uma trabalhadora doméstica – cozinheira, arrumadeira ou mammy na “casa-grande”.

Seguindo a mesma lógica, Sueli Carneiro (2011, p.120) também afirma a vulnerabilidade das mulheres negras em relação ao trabalho. No entanto, ela analisa, especificamente, a relação do trabalho com as mulheres negras brasileiras. Dessa forma, ela conclui que essas mulheres fazem parte do grupo de pessoas cujos trabalhos são os mais precários “...os mais vulneráveis do mercado, ou seja, os trabalhadores sem carteira assinada, os autônomos, os trabalhadores familiares e os empregados domésticos.” No mais, o recorte de nacionalidade que Carneiro faz é de extrema relevância para o tema deste trabalho, uma vez que muitos dados que encontramos sobre o termo economia do cuidado fazem parte da realidade brasileira.

Portanto, a partir das informações acima é possível observar que o trabalho que promove a produtividade da sociedade como um todo é feito em sua maior parte por figuras femininas e que as mulheres negras são as que dedicam mais tempo para os trabalhos do cuidado, sejam eles remunerados ou não remunerados. Tais informações são muito relevantes para a construção do trabalho de iniciação científica em andamento, uma vez que demonstram a importância do marcador de racial nas análises das notícias que serão feitas sobre a temática do cuidado nas etapas posteriores do trabalho.

O trabalho do cuidado na perspectiva da mãe solo

Elisabeth Badinter (1985) faz uma discussão sobre a relação triangular que envolve o pai, a mãe e o filho. Para ela, não é possível falar de um dos componentes dessa tríade sem mencionar os outros dois. Assim, quando o interesse da sociedade passou a se dirigir à criança, a mãe passou a ganhar mais protagonismo em detrimento do pai, uma vez que passou a se designar a ela o papel dos cuidados do filho, e tem sido assim até os dias de hoje.

Paralelo a isso, a monoparentalidade feminina, ou seja, a maternidade solo, tem sido um tema de cada vez mais discutido pela sociedade. Tais discussões podem ser observadas pelas mídias sociais e pelas notícias que circulam na mídia. Assim, segundo uma pesquisa feita pela Fundação Getúlio Vargas, em 2012 o número de domicílios com mães solo era de 9,6 milhões, em 2022 esse número foi para 11,3 milhões. Para as mães negras o número passou de 5,4 milhões para 6,9 milhões. Dessa forma, esses números nos permitem perceber como o trabalho do cuidado continua recaindo quase que exclusivamente para a figura feminina, o cuidado sempre retratado como se fosse algo inerente à mulher.

Junto disso, Elisabeth Badinter (2023) nos apresenta ao conceito de mãe ecológica no livro *O conflito a mulher e a mãe*. Para ela, está ocorrendo a retomada de uma ideologia naturalista. Tal ideologia prega a necessidade do aleitamento materno exclusivo, do parto natural, do não uso de mamadeiras, entre outros. Badinter aponta que essas são novas formas de configuração da prisão feminina para continuar envolvendo cada vez mais as mulheres no campo do cuidado. Ela acredita que a necessidade da criação da mãe ecológica ocorreu devido às mulheres estarem cada vez mais presentes no mercado de trabalho e se distanciando da ideia de ter filhos. Assim, foi necessário reformular as formas de deixar as mães cada vez mais atarefadas nas atividades que envolvem o cuidado com a prole. Dessa forma, a necessidade de uma presença materna cada vez maior contribui diretamente para a noção de que tudo bem a criança não ter um pai presente, mas a mãe não pode nunca deixar de existir, pois os cuidados cabem a ela.

Para completar, Hirata e Kergoat (2007) postulam que a divisão dos trabalhos exercidos na sociedade são feitas através da divisão sexual, a qual é constituída historicamente e socialmente. Assim, a sociedade estabeleceu que aos homens cabe o trabalho produtivo e as mulheres o reprodutivo, sendo o trabalho masculino mais importante que o feminino pelo valor a ele agregado. Por isso, as autoras estabelecem 2 princípios norteadores para discutir o tema: a divisão sexual e a hierárquica do trabalho.

Desse modo, as configurações trabalhistas feitas por essa divisão sexual do trabalho perpetuam as mulheres o campo do trabalho do cuidado. Com isso, o trabalho da vida privada

é sempre tratado como algo inerente à figura feminina, como uma obrigação pertencente a ela. Não é atoa que as mulheres possuem uma dedicação muito maior aos trabalhos domésticos em comparação aos homens, conforme mostram os dados citados anteriormente na Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua (Pnad-c). No mais, a importância atribuída ao trabalho doméstico não existe, é um trabalho invisibilizado, ninguém repara sua existência e nem que ele é tão necessário para o bom andamento da sociedade como conhecemos hoje quanto o trabalho atribuído normalmente a figuras masculinas.

Considerações finais

Conclui-se que, a partir das reflexões teóricas levantadas acima, que o trabalho do cuidado é atribuído majoritariamente a figuras femininas e que a intersecção com raça e monoparentalidade feminina são importantes para observarmos como as mulheres negras são as mais afetadas pelo trabalho do cuidado e como o crescente aumento de mães solas reafirma o lugar no qual as figuras femininas são colocadas, o de cuidar. Por isso, é importante que vejamos claramente como o ser mulher e o ser mãe são construções históricas bem delimitadas por onde a sociedade enxerga que as mulheres devam ficar.

Por fim, para o projeto de iniciação científica as discussões levantadas são importantes de serem feitas, pois nos ajudam a compreender a trajetória de como o trabalho do cuidado foi atribuído às mulheres em dado momento e de como ele vem sendo discutido atualmente na internet e nas notícias. Além disso, na próxima fase da pesquisa pretendemos analisar notícias coletadas no google notícias a respeito do tema da economia do cuidado e observar como elas vêm sendo tratadas, ou não, nas matérias jornalísticas na esperança de contribuir cada vez mais com o tema da economia do cuidado.

Referências

BADINTER, E. **Um Amor Conquistado: O Mito do Amor Materno**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.

BADINTER, Elisabeth. **O conflito: a mulher e a mãe**. Trad. Vera Lúcia dos Reis. 3ª edição. Rio de Janeiro: Record, 2023.

CARNEIRO, Sueli. **Racismo, sexismo e desigualdade no Brasil**. São Paulo: Selo Negro, 2011.

DAVIS, Angela. **Mulheres, raça, classe**. São Paulo: Boitempo Editorial, 2016.

Referências eletrônicas

FEIJÓ, Janaina. Mães solo no mercado de trabalho. Blog do IBRE, 12 de maio. 2023. Trabalho. Disponível em: <https://blogdoibre.fgv.br/posts/maes-solo-no-mercado-de-trabalho>. Acesso em: 17 de abril de 2024.

FERNANDES, Claudia Monteiro. Precisamos falar sobre a economia do cuidado nas metrópoles brasileiras. Brasil de Fato, Brasília, 7 de julho de 2022. Reforma Urbana e Direito à Cidade nas Metrópoles. Disponível em: <https://www.brasildefato.com.br/2022/07/07/precisamos-falar-sobre-a-economia-do-cuidado-nas-metro-poles-brasileiras#:~:text=Chamaremos%20aqui%20de%20%E2%80%9CEconomia%20do,utilizadas%20nas%20pesquisas%20oficiais%20brasileiras>. Acesso em: 18 de abril de 2024.

HIRATA, Helena. KERGOAT, Danièle. Novas configurações da divisão sexual do trabalho. Tradução: Fátima Murad. **Cadernos de Pesquisa**, v. 37, n. 132, p. 595-609, set./dez. 2007.

POSTHUMA, A. C. A ECONOMIA DE CUIDADO E O VÍNCULO COM O TRABALHO DOMÉSTICO: O QUE AS TENDÊNCIAS E POLÍTICAS NA AMÉRICA LATINA PODEM ENSINAR AO BRASIL. Livros, n. Entre relações, p. 25–46, 3 fev. 2022.

Trabalhadoras domésticas fazem campanha por direitos durante a pandemia covid-19 e articulam apoio da cooperação internacional. ONU Mulheres Brasil, 03 de abril. 2020. Disponível em: <http://www.onumulheres.org.br/noticias/trabalhadoras-domesticas-fazem-campanha-por-direitos-durante-a-pandemia-covid-19-e-articulam-apoio-da-cooperacao-internacional/>. Acesso em: 13 de abril de 2024.

Nota Informativa nº1/2023. As mulheres negras e o trabalho do cuidado, março. 2023. Disponível em: https://mds.gov.br/webarquivos/MDS/7_Orgaos/SNCF_Secretaria_Nacional_da_Politica_de_Cuidado_s_e_Familia/Arquivos/Nota_Informativa/Nota_Informativa_N_1.pdf. Acesso em: 13 de abril de 2024.